



A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA COMO LOCAL IDEAL PARA A FORMAÇÃO E ASCENSÃO SOCIAL DOS SUJEITOS NA AMAZÔNIA SUL OCIDENTAL

Pierre André Garcia Pires – pierreufac@gmail.com

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-2408-876X>

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo descrever um estudo sobre a trajetória da história de vida dos acadêmicos do curso Pedagogia da Universidade Federal do Acre/UFAC, polo município de Feijó, no estado do Acre. A proposta parte da necessidade dos acadêmicos do curso de Pedagogia do Programa de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR concluírem seu curso com a apresentação do trabalho de conclusão de curso-TCC. Diante disso, foram traçados, também, os seguintes objetivos específicos: (I) identificar as formas de contribuição da escola para a formação do sujeito e (II) analisar o processo de ascensão social por meio da escola. Este trabalho traz uma reflexão acerca da prática docente, dessa forma, abrindo caminho para que outros profissionais vejam a importância dessa metodologia. Assim, tal análise reflexiva discute: (i) trajetória de formação escolar, (ii) inserção na docência, (iii) experiências e prática na docência e (iv) processo de desenvolvimento profissional, possibilitando a construção de um profissional capaz de lidar com as dificuldades existentes na área educacional. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho consiste na pesquisa qualitativa construída a partir dos relatos autobiográficos dos sujeitos. Diante disso, neste estudo são apresentados reflexões, discussões e “desabafos” sobre as histórias de vidas dos autores, confirmando a importância da escola como fator decisivo e emancipatório para a formação e ascensão social dos sujeitos. Para empreender tal reflexão, temos como aporte teórico: Chizzotti (2005); Josso (2004); Rodrigues e Gabriel (2003); Vasconcelos (2003); Pimenta (2007); Ludke e Boing (2004); Veiga (2010); Imbernón (2016).

PALAVRAS-CHAVE: Histórias de vida; formação docente; programa de formação de professores; inserção na docência.

1 INTRODUÇÃO

Através deste trabalho, buscamos evidenciar a importância da escola como local ideal para a formação e ascensão social dos sujeitos, tendo em vista que os sujeitos da pesquisa são “provas vivas” de que a escola foi fundamental em suas trajetórias de vida, pois possibilitou que saíssem da zona rural, onde tinham acesso somente aos anos iniciais do Ensino Fundamental, migrassem para a zona urbana, concluíssem os anos finais do Ensino Fundamental e, após a conclusão do Ensino Médio, ingressassem na carreira docente. Assim, entendemos que, narrando como se deram as suas trajetórias de formação escolar, suas histórias de vida e inserção na docência, relatando, desse modo, suas vivências e experiências, fica evidente que a escola continua sendo o lugar ideal para quem busca novos conhecimentos, uma melhoria de vida e uma possível ascensão social.

Justificamos, portanto, que esse assunto traz motivação porque temos a oportunidade de mostrar e, ao mesmo tempo, comprovar que a escola, como entidade de ensino emancipadora, tem a capacidade de formar cidadãos capazes de contribuir diretamente nas ações sociais, através dos relatos autobiográficos. Nesse contexto, este trabalho tem como finalidade de estudo a história de vida, a formação escolar e a inserção dos sujeitos na docência, tendo como problema: de que maneira a escola contribui para a formação e ascensão social dos sujeitos? Com base nesse problema, temos como objetivos específicos: (I) identificar as formas de contribuição da escola para a formação do sujeito e (II) analisar o processo de ascensão social por meio da escola.

A presente pesquisa construiu-se a partir dos relatos autobiográficos de dois acadêmicos do curso de Pedagogia do Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR. O PARFOR é um Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica criado em 2009 pela CAPES, através do Decreto nº 6755/2009, que institui a política nacional de formação de profissionais do magistério da Educação Básica, com o objetivo de oferecer a educação superior para professores em atuação na rede pública. No estado do Acre, esse plano é implantado em 2012, desenvolvendo atividades em seus diferentes municípios, através dos polos da Universidade Federal do Acre/UFAC.

Para este estudo, optamos por uma metodologia do tipo qualitativa. A coleta de dados ocorreu através de relatos autobiográficos, utilizando a técnica de relatos de história de vida. Foram propostos os seguintes eixos de discussão: (i) trajetória de formação escolar, (ii) inserção na docência, (iii) experiências e prática na docência e (iv) processo de desenvolvimento profissional.

Conforme Chizzotti (2008), a pesquisa qualitativa volta-se para uma afinidade entre o indivíduo e o mundo real, onde o sujeito é parte viva do objeto pesquisado. Dessa forma, o objeto pesquisado passa a ser uma fonte verdadeira do que realmente se passa no contexto da vida prática desse sujeito. A partir daí, o pesquisador apresenta-se como parte essencial, buscando alcançar uma compreensão global do problema, para tentar formular estratégias que possam resolver ou minimizar tal necessidade. Chizzotti (2008) ainda afirma que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 2008, p. 79).

O método autobiográfico permite-nos escrever sobre a nossa história de vida, sendo possível contar todas as experiências vivenciadas tanto no âmbito escolar quanto nas vastas situações do dia a dia. Nele, temos espaço garantido para relatarmos e fazermos reflexões a respeito

das nossas próprias aprendizagens, possibilitando nosso próprio reconhecimento como sujeito formador de novos conceitos. Josso (2004) é bastante claro afirmando que

Três níveis de análise em profundidade permitem caracterizar as grandes etapas do trabalho biográfico ao longo do processo: evidência do processo de formação, evidência do processo de conhecimento e evidência do processo de aprendizagem (JOSSO, 2004, p.61).

Nesse sentido, os relatos de vida oportunizam-nos fazer da nossa própria história mecanismo de reflexão capaz de influenciar na tomada de decisão de outros professores, pois a escrita, mesmo voltada para episódios meramente pessoais, consegue estabelecer o que para Passeggi et al (2006) configura-se como “uma ação social por meio da qual o indivíduo retotaliza sua trajetória de vida e sua interação com o social” (PASSEGGI et al., 2006, p. 260). Dessa forma, a ação narrativa do professor é conceituada por Ramos e Gonçalves (1996) como

[...] o texto, o escrito em que o professor faz um relato da sua própria vida, procurando apresentar-nos uma narração seguida de acontecimentos a que confere o estatuto mais importante, ou interessante, no âmbito da sua existência enquanto profissional da educação (RAMOS e GONÇALVES, 1996, p. 127).

As histórias de vida e trajetória de formação escolar dos acadêmicos em destaque são bastante semelhantes, ambos são procedentes da zona rural, filhos de pais analfabetos que viam no campo uma saída para adquirir o sustento da família. Os sujeitos, desde cedo, tiveram que colaborar nas atividades da casa, mas isso não lhes impediu de ingressarem na escola, entretanto, o trajeto percorrido oferecia-lhes grandes desafios.

O artigo está organizado da seguinte forma: é apresentada uma breve discussão teórica sobre as narrativas e sua importância na formação do profissional docente, destacando aspectos referentes à trajetória de formação escolar na Educação Básica, a inserção na docência e o trabalho docente em formação, como elementos importantes na formação e ascensão social dos sujeitos através do contexto escolar. Entre alguns autores que fundamentam este artigo, destacamos: Chizzotti (2005); Josso (2004); Rodrigues e Gabriel (2003); Vasconcelos (2003); Pimenta (2007); Ludke e Boing (2004); Veiga (2010); Imbernón (2016).

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Narrar as próprias histórias de vida é mostrar às outras pessoas os sacrifícios e conquistas adquiridas no decorrer de muitas lutas, deixando transparecer mensagens de perseverança, paciência e humildade. É seguir as palavras de Fonseca (2003), quando diz que “das dificuldades

encontradas em suas vidas, retiram conselhos, incentivos e lições para os professores que estão no início da carreira” (FONSECA, 2003, p.134). Complementando essa reflexão, FONSECA (2003) ainda enfatiza que

As narrativas revelam que a vida profissional, de fato justifica as trajetórias. O desejo de transmitir fatos, experiências, dados sobre os trabalhos realizados relevante para todos eles. Percebe-se que cada um prefere frisar aspectos muito próprios de sua existência; aquela que, talvez, sejam considerados mais significativos na construção da sua maneira de ser professor; e, certamente aqueles que consideram mais úteis para as outras pessoas. A motivação para o trabalho de rememorar implica reconhecer uma dimensão utilitária do narrado (FONSECA, 2003, p. 133).

Nesse aspecto, a profissão docente possibilita-nos, através das experiências do dia a dia, realizarmos constantes reflexões sobre nossas práticas, uma vez que ainda somos vistos como exemplos para muita gente. Com isso, nossas ações podem influenciar na maneira de ver o presente e enxergar o futuro como meio de mudança, já que, para RODRIGUES e GABRIEL (2013), “as narrativas autobiográficas têm como características a análise das situações e experiências vividas” (RODRIGUES e GABRIEL, 2013, p.12).

Assim, são levados em consideração os conhecimentos adquiridos em nosso cotidiano, no convívio com outros atores e nas mais variadas experiências do dia a dia, enfim, somos carregados de princípios próprios. Por isso, cada educador é dotado de saberes diferentes. Logo, concordamos com Vasconcelos (2003), quando diz que a identidade do professor [...] vai se forjando assim, com múltiplos fios – relações familiares, de classes, condições de gênero, características relativas à idade, etnia, religiosidade, cidadania e outros -, cada um deles matizado de anseios, limites, rupturas e possibilidades (VASCONCELOS, 2003, p. 12).

Vasconcelos (2003) ainda ressalta que as experiências e trocas de conhecimentos são fundamentais para a nossa formação profissional, já que esses momentos proporcionam alternativas para socialização das dificuldades, dos impasses e da construção de novas estratégias de ensino a serem aplicadas em sala de aula. Outro fato interessante, do qual muitos não sabem, é que, quando encerramos as aulas, levamos para casa muitas tarefas, e, como algumas tarefas podem ser realizadas em nossas residências, acabam pensando que o nosso trabalho é algo fácil de ser realizado. Contudo, não sabem que passamos horas planejando a aula do dia seguinte, confeccionando materiais, corrigindo e elaborando provas e trabalhos, preenchendo cadernetas e fazendo relatórios. Diante disso, concordamos com Vasconcelos (2003), quando afirma que

[...] os professores/professoras, ao encerrarem seu expediente, iniciam uma série de tarefas – preparação de aulas, avaliação de atividades, e muitas outras – que se desenvolvem em um espaço/tempo que não ganha

visibilidade, pois é próprio da vida privada (VASCONCELOS, 2003, p. 14).

Sem contar que, conforme Vasconcelos (2003), “para compensarem seus baixos salários, os professores/professoras aumentam seu número de horas – aula e dividem seu tempo entre várias escolas de sistemas muitas vezes diversos” (VASCONCELOS, 2003, p.15). Isso significa não ter tempo livre nem nos finais de semana. Contudo, o autor ainda evidencia que somos compensados com os momentos de reconhecimentos, afetos, de cumplicidades entre nossos alunos, choros de alegrias a cada encerramento de ano letivo, com cartas e bilhetes carregados de sinceridades e agradecimentos. Só quem já foi professor um dia é quem sabe disso.

Assim, para conseguirmos sucesso na profissão docente, temos que colocar em prática todos os saberes adquiridos desde o ensino básico até a graduação, levando em consideração os encontros pedagógicos e formações continuadas, culminando com as experiências adquiridas na prática, no contexto real da sala de aula. No entanto, Pimenta (1997) destaca que “para saber ensinar não basta apenas à experiência e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos” (PIMENTA, 1997, p.9).

Sem isso, a educação fica fragilizada porque, de certa forma, o “professor leigo” passa a realizar uma prestação de serviço para o Estado com o intuito de simplesmente “entreter” os alunos com leituras e longas atividades, uma vez que, para Imbernón (2016), “ser professor não consiste apenas em ir fisicamente à escola, dar aulas, promover a leitura e ministrar exercícios e tarefas, como ainda pensam muitas pessoas” (IMBERNÓN, 2016, p.46). Esse mesmo autor ainda complementa a questão de ser professor dizendo que

Ser professor sempre foi uma tarefa trabalhosa e difícil. De fato, a dificuldade está em ser um bom professor ou uma boa professora e em ensinar bem. Embora no imaginário coletivo exista a ideia de que esse é um trabalho simples, que requer pouca habilidade porque se trabalha com crianças ou adolescentes, fáceis de tratar e de convencer, com muitas festas e férias e de trabalho tranquilo, a verdade é que a educação das crianças sempre foi uma tarefa complexa (e agora é muito mais) (IMBERNÓN, 2016, p.33).

De acordo com Imbernón (2016), é necessário fazermos uma reflexão acerca das dificuldades enfrentadas na profissão docente que não são vistas ou reconhecidas pela sociedade e do verdadeiro papel do bom professor. Isso significa que não basta apenas se fazer presente na sala de aula, mas ser dotado de conhecimento, compromisso e dinamismo para lidar com as situações enfrentadas no dia a dia do fazer docente.

Assim, Pimenta (1997) acrescenta que, na sociedade atual, a figura do professor é de extrema importância para o desenvolvimento do papel de mediação na ação da libertação e

cidadania dos educandos. A pesquisadora faz uma reflexão sobre a superação das disparidades escolares e sobre a necessidade de buscar novas propostas no que diz respeito à formação de professores. Dessa forma, entendemos que, apesar de sabermos o quanto o campo educacional melhorou em relação às formações acadêmicas, formações continuadas e planejamento, ainda estamos muito longe daquilo que realmente se entende como sendo uma educação de qualidade, fazemos essa comparação em nível de países desenvolvidos que enxergam no ensino o melhor caminho para o crescimento e desenvolvimento de uma nação.

Mediante esses fatos, o sonho de qualquer sujeito que viu seus pais trabalharem tendo como ferramenta de serviço “o terçado”¹ e a enxada, é um dia vencer na vida conquistando um bom trabalho. Esse trabalho veio a ser concretizado na vida de muitos através da profissão de professor que, mesmo não tendo uma valorização digna (ainda) para o que representa a sociedade, foi fundamental para a melhoria da qualidade de vida desses professores e para a construção de uma carreira dentro da educação.

Entretanto, começar a trabalhar como professor leigo não é nada fácil, uma vez que, para dar aula e ser um professor não basta apenas estudar os conteúdos a serem ensinados, existem coisas que vão além disso, como por exemplo: conhecer os alunos e a realidade em que estão inseridos, ter liderança, confiança, paciência, de modo a tratá-los com igualdade. Tais ações só são adquiridas com o tempo. Diante disso, Nóvoa (1995) destaca que

O início da actividade profissional é, para todos os indivíduos, um período contraditório. Se, por um lado, o ter encontrado um lugar, um espaço na vida activa, corresponde à confirmação da idade adulta, ao reconhecimento do valor da participação pessoal no universo do trabalho, à perspectiva da construção da autonomia, por outro, as estruturas ocupacionais raramente correspondem à identidade vocacional definida nos bancos da escola ou através das diferentes actividades socioculturais, ou modelada pelas expectativas familiares (NÓVOA, 1995, p. 162).

Portanto, Nóvoa (1995), acrescenta que todos nós passamos por momentos conflitantes na nossa vida, tendo em vista que, quando nos deparamos com a realidade e a responsabilidade de um adulto, passamos a perceber que o mundo do trabalho exige mais do que aquilo que aprendemos na escola, assim, temos que manter o bom senso e focar nos nossos sonhos, buscar alcançar nossos objetivos, pois eles serão a recompensa dos nossos esforços.

1 Tipo de facão utilizado para roçar.

2.1 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

AI² não se distancia muito da realidade de tantos outros feijoenses³ que nasceram nos centros dos seringais, isolados do meio urbano. Nasceu em um desses seringais, Seringal Canadá, no qual os seus pais tinham que trabalhar na produção de látex e na agricultura para proporcionar o sustento da família, onde os patrões eram soberanos. Por viverem essa realidade, a de morar na floresta e sobreviver do que ela é capaz de oferecer, os pais de AI não tiveram a oportunidade de estudar. Pensando nisso, a família largou a vida dos seringais para tentar a sorte na cidade, oportunizando o primeiro contato do filho com o mundo da leitura e da escrita. Contudo, como as coisas não são tão fáceis assim, acabaram encontrando moradia em uma fazenda localizada próximo da cidade, mas o trajeto de casa até a escola, periferia do município, oferecia muitos desafios.

AI lembra-se com bastante clareza de sua primeira educadora, uma professora tradicional, com voz rouca e, ao mesmo tempo, vibrante, que tomava conta da sala. Seu principal instrumento de trabalho era a cartilha. Quando ela pegava a mão de AI para fazer o contorno das letras, ele ficava trêmulo, tinha “medo dela”. Nos momentos antes do recreio e da saída da escola ela dizia: “só vai sair quem realizar a leitura”. Não era fácil decorar todas aquelas palavras e pequenos textos sobre o “tatu ou o pato”, por exemplo. Mesmo estudando com professores tradicionais⁴, conseguiu concluir o Ensino Fundamental, agora, tinha que deixar para trás a escola da qual aprendeu a gostar, pois lá já havia construído amizades e, o mais importante, tinha aprendido a ler e a escrever.

Assim, oito anos de trajetória escolar abriram passagem para mais três anos em uma escola de Ensino Médio. Tendo em vista que tinha a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa, passou a frequentar a escola no período noturno. Após três anos de estudo, recebeu o certificado de conclusão do Ensino Médio. Não passava por sua cabeça que seu certificado seria a porta de entrada para o mercado de trabalho: a profissão docente. No ano de 2004, então, ingressou na profissão na qual está até hoje.

Quanto ao acadêmico AII, nasceu no Seringal Consulta, às margens do Alto Rio Envira, zona rural do município de Feijó. Seu pai trabalhava como vaqueiro da fazenda em que morava, sua mãe era responsável pelo cuidado da casa e ele e os irmãos ajudavam nas tarefas domésticas. Iniciou seus estudos com oito anos de idade na escola localizada no mesmo Seringal em que moravam. Foi onde cursou a 1ª e a 2ª séries do Ensino Fundamental I. A professora tinha sua

² Os acadêmicos serão identificados por AI e AII.

³ Nascidos no município de Feijó, no estado do Acre.

⁴ Aquela que trabalhava apenas com a cartilha, sem utilizar nenhum outro recurso que possibilitasse a aprendizagem dos alunos.

metodologia centrada em métodos tradicionais⁵ e, se os alunos não atingissem os objetivos propostos, eram penalizados com duros castigos. Na 3ª e 4ª séries, mesmo com dificuldades, compreendeu melhor a leitura e a escrita, graças à metodologia de ensino e empenho do novo professor, que permitia o contato com livros, álbuns seriados, produções textuais e brincadeiras na sala de aula.

O Ensino Fundamental II foi iniciado e concluído no centro do município de Feijó. AII lembra-se de que as normas da escola eram bastante rígidas, o diretor parecia “um general” e os professores tinham que seguir seus regulamentos. Contudo, essa escola era referência em qualidade de ensino dentro da cidade.

AII iniciou o Ensino Médio, porém, estudou por pouco mais de seis meses, por questões familiares não concluiu os estudos. Após seis anos longe da escola, teve a oportunidade de retornar e concluir o Ensino Médio. Isso foi muito importante para sua realização pessoal e profissional, pois, no ano seguinte, ingressou na docência, trabalhando com alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, prática que realiza até hoje.

Esses episódios mostram-nos que contar as histórias de vidas através de relatos autobiográficos faz-nos refletir sobre a forma como aprendemos e a maneira como ensinamos hoje. Nessa direção, Rodrigues e Gabriel (2013) ressaltam que

Ao escrever sobre fragmentos da sua vida, o professor é capaz de modificar além de sua atuação, como também sua prática pedagógica. A narrativa autobiográfica possibilita a tomada de consciência de grupos que influenciam nas escolhas do sujeito e a identificação da subjetividade das situações vividas (RODRIGUES e GABRIEL, 2013, p. 14).

As autoras argumentam que os relatos expressam situações de angústias e descobertas que podem servir de exemplo ou mesmo motivação para outros professores, pois são ocorrências que se passaram em contextos reais do nosso cotidiano. Portanto, Antunes (2007) afirma que “a lembrança da primeira professora, para uma alfabetizadora, faz com que muitos elementos significativos do processo de ser e tornar-se professor sejam recordados e refletidos” (ANTUNES, 2007, p. 84). Diante disso, entendemos que, na condição de educador, devemos proporcionar o nosso melhor para que as ações desenvolvidas em sala de aula possam servir sempre como exemplo a ser seguido pelos nossos educandos, tendo em vista que cada professor deixa marcas positivas ou negativas e isso o aluno nunca esquece.

⁵ Métodos considerados a partir da postura do professor: utilização de cartilha, não permitia a participação dos alunos nas discussões, castigos para aqueles que não atingissem os objetivos da aula.

2.2 O INGRESSO NA DOCÊNCIA

Ser professor era uma profissão que não passava pela cabeça de AI, entretanto, quando concluiu o Ensino Médio, conseguiu facilmente um contrato temporário (em 2004), devido à falta de professores, com validade de seis meses, para trabalhar com alunos do Ensino Fundamental II. Na época, desenvolveu atividades no programa em evidência no município: o Telecurso⁶, no qual o público alvo eram jovens e adultos e as aulas aconteciam no período noturno, para uma turma de 32 alunos. Conseguiu o contrato, no entanto, quando partiu para a parte pedagógica, as coisas mudaram de cenário.

Não tinha nenhuma experiência em sala de aula, pois concluiu o Ensino Médio no programa de formação integral⁷. Lembra-se de que passou duas semanas estudando e dedicando-se para trabalhar o primeiro dia de aula, contudo, quando se deparou com a sala, onde todos aqueles olhares estavam voltados para ele, esqueceu-se de tudo o que havia planejado. Com isso, a estratégia foi realizar sua apresentação e dos alunos individualmente e, nervoso, concluiu a aula entregando os materiais didáticos.

No dia seguinte, conseguiu interagir melhor com os alunos, escreveu no quadro e explicou o conteúdo. Parece pouco, mas isso significava muito para quem estava iniciando. AI enfatiza que encontrou apoio em um professor da escola, professor regente do período matutino e vespertino da referida escola em que trabalhava, o que foi muito importante para o desenvolvimento da sua prática. O referido professor tirou-lhe muitas dúvidas e o auxiliou bastante no ato de planejar. Assim, AI chegou à conclusão de que ser professor não é tão fácil como imaginava, é preciso estudar, planejar e criar estratégias de ensino que garantam a aprendizagem dos educandos.

Já o primeiro ano de trabalho de AII foi em uma escola situada no Seringal Enjeitado, alto rio Paraná do Ouro, com alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, em uma turma

⁶ Telecurso de 1º e 2º Graus - Cursos de 1º Grau (5ª a 8ª séries) e Ensino Médio, respectivamente. Seu funcionamento era organizado através de teleaulas transmitidas pela emissora de televisão TV Acre. Utilizava fitas de vídeo VHS, enviadas à coordenação local da Secretaria de Educação pela Fundação Roberto Marinho, semanalmente, de onde eram conduzidas para a TV. Nesse curso existiam três recepções para atendimento: 1ª Recepção organizada: O aluno fazia sua matrícula na escola, e a frequência diária era obrigatória. O curso dividia-se em 3 (três) etapas, compostas pelas disciplinas de acordo com suas cargas horárias e duração de 6 meses cada uma. A avaliação ocorria no processo. 2ª - Recepção controlada: O aluno fazia sua matrícula na escola, estudava de acordo com o seu tempo e só voltava nos dias agendados para fazer as provas, em cada etapa. 3ª - Recepção livre: Nesse caso, os alunos não faziam matrícula na escola. Assistiam às teleaulas em qualquer lugar e, quando a SEE oferecia os Exames de Suplência Geral, esses alunos faziam suas inscrições e se submetiam às provas. Os aprovados em todas as disciplinas recebiam certificado de conclusão do curso para o qual haviam sido inscritos, enquanto os que conseguiam aprovação parcial eram certificados apenas nas disciplinas em que estavam aprovados.

⁷ Logos II de 1º e 2º Graus – Formação Integral – Autorizado pelo CETEB o Departamento de Ensino Supletivo – DESU do Acre, ofereceu às pessoas interessadas o direito de fazer o Logos em nível de 1º e 2º Graus – Formação Integral, também através de módulos. A nota mínima para aprovação era de 8 (oito) pontos, por módulo. Para acessar o curso de 2º Grau, o educando deveria ter 21 (vinte e um) anos de idade, e para o ensino de 1º Grau, 18 (dezoito) anos completos. As provas de cada módulo vinham prontas do CETEB, juntamente com a chave de correção.

multisseriada, uma classe com vinte e três alunos. O apoio, tanto dos supervisores quanto dos amigos que lecionavam e participavam com ele dos encontros de formação, foi de grande importância para aprimorar a sua prática pedagógica, já que esta se apresentava com muita dificuldade nos momentos em que se encontrava sozinho. No início da carreira docente, sentiu “medo” e “sofrimento” em relação à insegurança quanto a dar conta de ensinar seus alunos da forma indicada pelos supervisores, porém, foi se superando a cada dia e, aos poucos, provando para si mesmo que era capaz de exercer esse cargo.

Como vemos, as formas como os dois acadêmicos ingressaram na docência são bastante semelhantes, por isso, concordamos com Veiga (2010), quando afirma que “o primeiro contato com a escola e com a sala de aula foi permeado pela surpresa, alegria e expectativas” (VEIGA, 2010, p. 184). Veiga (2010) ainda acrescenta

[...] foi um tempo de “tateamento”, de “descobertas” e de instabilidade, mas também marcado pelas tentativas de acertos, e também por erros. Enfrentava tensões e conflitos e me preocupava em criar uma imagem de sucesso, uma identidade carregada de credibilidade junto à minha área de atuação (VEIGA, 2010, p. 184).

Outra autora que enfatiza bem esse assunto é Jesus (2003), pois em seus textos relata a história de outros professores com realidades parecidas com as dos sujeitos em tela. Para Jesus (2003), “Ao narrar seu primeiro dia de aula, a fala de Maria das Graças não soa única, ela ecoa. Ou melhor, sua voz traz ecos de outras vozes [...]” (JESUS, 2003, p.36). A autora (2003) complementa reproduzindo a fala de uma de suas pesquisadas, Maria das Graças:

Cheguei a chorar no primeiro dia de aula! Porque... assim... no meu... eu quase não tive estágio, não é? Devido a... ao... que... eu trabalhava durante o dia e estudava à noite, não tinha tempo para o estágio. Eram os meus professores que assinavam para mim. [...] Quer dizer, eu sem nenhuma experiência, sem nenhuma noção. Mesmo porque durante o tempo que a gente estuda, a gente não é preparada pra isso que agente enfrenta na zona rural, não é? Muito diferente! (JESUS, 2003, p. 37).

As histórias dos sujeitos deste estudo, vivenciadas no contexto rural, assemelham-se à história de Maria das Graças, uma vez que começaram a trabalhar como professores leigos, sem experiência nenhuma em sala de aula, pois o curso de formação que fizeram não oferecia nenhuma formação pedagógica e nem estágio de docência.

2.4 O TRABALHO DOCENTE EM REALIZAÇÃO

AI trabalha profissionalmente há doze anos com alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, atuando em diferentes escolas da zona rural e há sete anos com o Programa Asas da Florestania⁸ de 6º ao 9º ano, em áreas rurais de difícil acesso. Trabalhou um ano com o Programa Telecurso e dois anos na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA,) primeiro segmento. Durante esse trajeto, aprendeu que, para evoluir na profissão, é preciso estudar e pesquisar bastante, levando em consideração sempre a realização de um estudo de qualidade, voltado para a realidade e necessidade real dos educandos. Contudo, muitas vezes, vê que os objetivos são frustrados por conta da ausência de políticas públicas que valorizem a profissão docente e que coloquem os alunos como alvo principal, para a mudança da realidade em que vivemos hoje.

AII, por sua vez, trabalha na educação com o cargo de docente há cinco anos, em turmas multisseriadas, com alunos de 1º ao 5º ano. Para ele, essa experiência é muito proveitosa e, ao mesmo tempo, gratificante, pois conseguiu aprender bastante, tanto com os alunos quanto com a coordenação de ensino. Agora, pode dizer, com certeza, que tem segurança e quer continuar nessa profissão, uma vez que aprendeu muito nesses cinco anos de trabalho docente. Sente-se mais seguro enquanto educador, porque os saberes adquiridos em sua caminhada proporcionaram-lhe aprender mais para criar e diversificar estratégias de ensino que favoreçam o aprendizado dos alunos, destacando as formações continuadas, encontros pedagógicos e, principalmente, a graduação em Pedagogia, ainda em curso no momento desta pesquisa.

Ambos os sujeitos concordam que exercer a profissão docente não é tarefa fácil, tendo em vista que, por trabalharem em escolas rurais e elas, em sua grande maioria, não contam com uma equipe gestora, acabam por desempenhar o papel de cuidar da escola, de realizar reuniões, fazer merendas, abastecer os filtros com água, limpar o quintal, consertar as carteiras, servir de vigia. E ainda precisam se preocupar com o planejamento das aulas e com a qualidade do ensino a ser oferecida a crianças de várias idades, crenças e costumes diferentes, crianças que estudam no mesmo horário e na mesma sala de aula, sendo que muitas delas chegam à escola com fome, sujas e, às vezes, até doentes.

É aí que entra em cena o professor polivalente, que cuida da parte pedagógica, mas que tem que, quase por obrigação, exercer outras funções, por conta da realidade na qual está inserido. Diante disso, concordamos com Oliveira, (2004), quando afirma que

⁸ Programa criado em 2005, com o objetivo de levar escolarização de qualidade para as comunidades ribeirinhas, indígenas e extrativistas, localizadas em zonas de difícil acesso do estado do Acre.

O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras (OLIVEIRA, 2004, p. 1132).

Desse modo, torna-se evidente que, a cada dia, professores sentem-se enfraquecidos, pois são subordinados a um Estado que não enxerga na figura do professor um ser que está acima de todas as outras profissões, muitas vezes, perdendo o respeito e o prestígio. Basta perceber que, hoje, poucos querem seguir ou mesmo almejam essa profissão por amor, por gostarem de verdade do ato de educar. O que presenciamos constantemente são professores efetivando-se em outros cargos públicos e trocando de função porque os salários oferecidos são melhores.

Embora o governo esteja consciente dos descasos referentes à profissão docente, fazem a maior mídia engrandecendo o professor, atribuindo-lhe o pseudônimo de “herói”, isso porque conseguem trabalhar com salas de aulas superlotadas, sem material didático e ainda deixam seus lares e passam meses isolados no meio da floresta, longe da família e do apoio dos coordenadores pedagógicos, que são impedidos de chegar às escolas, muitas vezes, por falta de recursos. Além disso, temos o dever de conseguir formar indivíduos críticos, capazes de entender e resolver problemas sociais dentro e fora da sua comunidade. Ludke e Boing (2004) discorrem sobre esse assunto enfatizando que

Os discursos e as expectativas recaem sobre o professor como se este fosse o salvador da pátria, mas, na prática, não são dadas a esse “profissional” as condições necessárias de responder adequadamente ao que se espera dele, como nos ensina Nóvoa em diversas passagens (LUDKE e BOING, 2004, p. 1175).

Os autores acrescentam que o professor ainda está muito distante de tornar-se um ser autônomo, livre do condicionamento do estado, uma vez que é ele quem elabora e dita o que o nosso professorado tem que ensinar; são ideologias dominadoras que enfraquecem o poder de criticidade do público docente que, muitas vezes, rende-se a esse sistema para poder continuar trabalhando. Em contrapartida, Cavalcante et al., (s/d) ressaltam que

Apesar de a instituição escolar caracterizar-se como um espaço de repressão e dominação, é importante para os alunos não apenas para a aquisição de conhecimentos, mas também pela rica convivência entre os sujeitos. A escola, em sua essência, é um espaço que propicia o encontro. É lá que os grupos se formam, que os amigos se reencontram, que o processo de trocas culturais se intensifica, enriquecendo as interações” (CAVALCANTE et al., s//d, p. 60).

Assim, a escola continua sendo o lugar ideal para quem busca adquirir novos conhecimentos e expectativas de melhoria de vida. É nela onde encontraremos a sabedoria e a

construção de cidadania enquanto indivíduos sociais. Basta refletirmos sobre as palavras de Pimenta (1997), quando argumenta que: “educar na escola significa, ao mesmo tempo, preparar as crianças e os jovens para se elevarem ao nível da civilização atual – da sua riqueza e dos seus problemas – para aí atuarem” (PIMENTA, 1997, p. 11).

Dessa forma entendemos o quanto a escola é importante na vida de qualquer sujeito e, para os sujeitos deste estudo, ela foi primordial para a formação e ascensão social, uma vez que lhes possibilitou a conclusão até o Ensino Médio, o emprego de docente e o poder de realizar a graduação em Pedagogia, uma vez que seus pais não teriam condições financeiras de pagar por uma faculdade particular.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou discorrer acerca das histórias de vidas, evidenciando a escola como sendo fundamental para a formação e ascensão social dos sujeitos, contribuindo de forma direta para a saída destes da zona rural para a zona urbana, para o seu ingresso na profissão docente e para a realização de formação no curso de Pedagogia. Além disso, através deste trabalho, foi possível realizarmos uma reflexão sobre como os professores podem pensar acerca de como aprenderam e do como ensinam seus alunos hoje.

De modo geral, relatar histórias de vidas certamente contribuirá de forma positiva para a reflexão ou mesmo motivação para melhoria da prática pedagógica de outros professores, pois esta pesquisa faz menção à realidade de muitos outros docentes que, assim como AI e AII, enfrentaram ou ainda enfrentam uma vida “dura”, mas que acreditam que a escola ainda é o melhor lugar para quem busca melhoria de vida.

Assim, a escola exerce um papel primordial no processo de formação dos sujeitos, já que ela é capaz de fornecer conhecimentos sistematizados, que em casa não são oferecidos. É também na escola onde podemos nos preparar para o ingresso no mercado de trabalho. Por isso, devemos ser confrontados a todo o momento com situações e problemas retirados do contexto real, pois os professores são sabedores de que os alunos de hoje serão o futuro de amanhã, isso significa que, para assumirmos qualquer cargo público, é preciso passar primeiro pela escola.

Enfim, esta reflexão sobre narrativa autobiográfica foi fundamental para compreendermos o quanto a educação pode influenciar na vida dos sujeitos, uma vez que para ambos os sujeitos da pesquisa foi o principal direcionamento de suas conquistas. Assim, AI e AII mostram-se certos de que, de todas as escolhas tomadas até aqui, escolher a escola como forma de investimento pessoal e profissional foi, sem sombra de dúvidas, uma das maiores vitórias de suas vidas, pois acreditam

que são capazes de contribuir para a melhoria do ensino, independentemente do lugar e da situação em que estejam inseridos.

4 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Helenise Sangoi. Uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. **Educação**, Santa Maria. v. 32, n. 01, 2007, p. 81-96.

CAVALCANTE, Luciana Matias et. al. As complexas relações no espaço da sala de aula. In: THERRIEN, Jacques e DAMASCENO, Maria Nobre. **Artesões de um outro ofício**: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar. Fortaleza, Annablume. s.d., p. 53-72.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**: da pesquisa qualitativa e coleta de dados qualitativos. São Paulo: Cortez, 2008.

FONSECA, Selma Guimarães. O prazer de viver e ensinar história. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (org.) **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.113-149.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

JESUS, Regina de Fátima. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (org.) **Como me fiz Professora**. Rio de Janeiro: DP e A, 2003, p. 21- 41.

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação & Sociedade**. Campinas, v.25, n. 89, Set./Dez. 2004, p. 1159-1180.

NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto, Portugal: Ed. Porto, 1995.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 89, Set./Dez. 2004, p. 1127-1144.

PASSEGGI, Maria da Conceição; et al. Formação e pesquisa autobiográfica. In: Sousa, Elizeu Clementino de (org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: saberes da docência e identidade do Professor. **Nuances**, v.3, set. 1997, p. 5-13.

RAMOS, Maria Antónia e GONÇALVES, Rosa Edite. As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e a prática da supervisão. In: ALARCÃO, Isabel. (Org.). **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Portugal: Porto Editora,1996.

RODRIGUES, Hellen Cris de Almeida, GABRIEL, Gilvete Lima **Narrativas autobiográficas e identidade docente**: a configuração da experiência formadora por meio do estágio supervisionado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) –

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013. 23 fl. Disponível em: https://ufr.br/pedagogia/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=107:hellen-cris-de-almeida-rodrigues&id=18:2013-2&Itemid=211. Acesso em: 15 mar. 2017.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. Puxando um fio... In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (org.) **Como me fiz Professora**. Rio de Janeiro: DP e A, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Eu, professora: uma narrativa autobiográfica. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.16, jan/jun. 2010, p. 183-191.

Title

The importance of school as an ideal place for the formation and social ascension of the subjects in the South Western Amazon.

Abstract

The present work has as objective describe a study about trajectory the life history of the academics of the Pedagogy course of the Federal University of Acre / UFAC, city Feijó Unit in the state of Acre. The proposal starts from the need of the students of the Pedagogy course of the Basic Education Teachers' Training Program - PARFOR to complete their course with the presentation of the Bachelor Dissertation. Therefore, the following specific objectives were identified: (I) to identify the contribution of the school to the formation of the subject and (II) to analyze the process of social ascension through the school. This work makes a reflection on the teaching practice, thus opening the way for other professionals to see the importance of this methodology. Thus a certain reflexive analysis discuss: (i) trajectory of school education, (ii) insertion in teaching, (iii) experiences and practice in teaching and (iv) professional development process, enabling the construction of a professional capable of dealing with the difficulties in the educational area. The methodology used for the development of the work consists of the qualitative research constructed from the autobiographical accounts of the subject. Thus, in this study, reflections, discussions and "outbursts" about the authors' personal experiences are presented, confirming the importance of the school as a decisive and emancipatory factor for the formation and social ascension of the subjects. To undertake a certain reflection has how apart theorist: Chizzotti (2005); Josso (2004); Rodrigues e Gabriel (2003); Vasconcelos (2003); Pimenta (2007); Ludke e Boing (2004); Veiga (2010); Imbernón (2016).

Keywords

Life stories; teacher training; teacher training program; insertion in teaching.

Recebido em: 12/01/2019.

Aceito em: 18/03/2019.

Life stories; Teacher training; Teacher training program; Teaching insertion.